

## *O longo amanhecer do Sul*

MACHADO, Orual Soria. *O longo amanhecer do Sul*: Um mosaico de histórias e fatos sobre a conquista e ocupação das terras rio-grandenses. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000, 207 p. (Financiamento: Fumproarte-SMC/Prefeitura Municipal de Porto Alegre.) R\$ 20,00.

O texto se constitui de pequenos capítulos que se intercalam entre focalizações históricas e narrativas ficcionais. Às vezes, no mesmo capítulo, ambas as formas narrativas se organizam constituindo texto de características próprias, com indicações de uma e outra formas. Em razão disso, o livro, no todo, constrói trabalho que desafia a classificação relativamente aos gêneros tradicionais. Os títulos dos capítulos são indicados pela utilização de negrito sobre o início da primeira frase ou sobre toda ela.

Orual Soria Machado, que assina o texto como O. Soria Machado, parte do início da formação do estado do Rio Grande do Sul. Demonstra extensa pesquisa em livros de *história e de literatura*. Impõe ao texto repetidos momentos de grande intensidade poética, narrativa e lírica. Com isso, consegue refletir sobre a história factual, as relações do imaginário com ela, sobre os interstícios da narração histórica, que só a literatura tem condições de fazer. Em razão disso, o texto consegue excepcional abrangência. Simultaneamente, expõe, analisa, critica, pergunta, em forma artística. O plano do desenvolvimento, no entanto, é feito sobre a cronologia histórica.

Transcrevo a seguir o primeiro texto, que constitui de fato o primeiro capítulo:

Ninguém percebe que a terra começa a envelhecer naquele dia. Afinal, acreditam que renasce a cada alvorecer, sempre fecunda e dadivosa com a benevolência das águas e a beleza do céu. Começa a envelhecer pelos pesados encargos que lhe atribuem os recém-chegados em nome da civilização ocidental. Até então seus habitantes desconheciam que alguém pudesse alterar o destino das matas e o caminho das águas. Só sabem que a Mãe Terra deve ser respeitada porque os alimenta e acolhe na hora do sono eterno. Talvez pensem que os estranhos de incômodas vestes, trazidos pelas canoas de altos bordos, carregadas de novidades, sejam deuses. Observam e tentam decifrar aqueles sons que saem de suas bocas acompanhados de largos gestos que abrangem a costa e as florestas, sem imaginar que festejam a inclusão da mais nova colônia a um reino

expansionista. Os filhos naturais da terra constituem cerca de cinco milhões de seres humanos, distribuídos em inúmeras tribos, que o "processo civilizatório", inaugurado nesse instante, reduzirá, no final do século XX, a uns 250 mil pobres esbulhados, atacados por doenças que desconheciam e levados ao suicídio por crise de identidade.

Pode-se perceber pela amostragem acima, portanto, como procede a organização textual: prioriza a visão de cá, mas não descuida de mostrar a de lá. Entrelaçando-se, consegue construir processo dialógico de interessantes resultados à visão sobre tudo de que fala e sobre a reconstituição do texto que o leitor vai elaborando. Para ter essa outra perspectiva, o leitor encontra, por exemplo, este capítulo, do qual transcrevo pequeno excerto:

Gil Vicente encena a sátira *Romagem* dos agravados em 1533 para o Rei D. João III e sua corte. Há risos, caras iluminadas pela disposição de folgar. Afinal, o autor é considerado um comediante de méritos, que diverte o rei. Talvez por isso ninguém se detenha em maiores análises, nem observe outro significado nos versos, mas enganam-se com suas peças de aparente frivolidade.

Não descarta o texto das tramas internas do desenvolvimento das tarefas de consolidação da conquista, da dominação, nem da exploração desmedida e desumana. Pode-se perceber isso, por exemplo, no capítulo transcrito a seguir:

A história registra interesses divergentes entre os proprietários das terras e os conquistadores de almas, embora na maior parte do tempo tenham sido aliados. Em 1635, dois jesuítas partem do Rio de Janeiro, velejando na direção sul. Desejam a redução dos índios carijós, mas chegam a Laguna e espantam-se com o número de embarcações portuguesas vindas das diversas capitanias com o objetivo de capturá-los para o trabalho escravo. Ali estão fundadas nada menos que 62 embarcações, sendo 15 navios 'de alto bordo, o resto canoas possantes, em cujos bojos esperavam levar os escravagistas mais de 12.000 cativos'.

O livro concede especial cuidado à construção do Rio Grande do Sul. A interessante

e peculiar figura do gaúcho toma vulto aos poucos. Vai-se construindo no conjunto dos demais fatos e episódios construídos pelo imaginário social, tecendo dessa forma o que costumamos denominar cultura.

O gaúcho nasce órfão de propriedade. Como filho das coxilhas, não acredita que a terra tenha dono ou que alguém se assenhore do ar, do sol ou do gado que existe como bicho selvagem pelos campos a fora. [...] se desloca a cavalo de um lado para outro do Continente, changueando, tropeando ou peleando em guerras dos maiorais [...].

Os problemas fundiários que ainda hoje perduram entre nós têm suas origens expostas com tal simplicidade e clareza, que o leitor pode ter a sensação de que esses atos estão ocorrendo num mundo de que tem notícia em geral em forma de discurso histórico tradicional ou na voz viva de quem relate ou imagine como isso ocorreu. Os dados numéricos, por exemplo, vêm expostos em meio a um discurso próprio da composição textual marcadamente artística. Transcrevo exemplo em forma de excerto de capítulo:

Os campos são fatiados entre homens de posse, assim estabelecia o Instituto das Terras do Brasil Colônia e depois do Brasil Reino-Unido. As sesmarias de campo (havia também sesmarias de mato) correspondiam a uma gleba medindo uma légua de frente por três de fundo, aproximadamente uma superfície de 13.068 hectares. No início, sua concessão era atributo apenas do rei de Portugal, mas, depois, por alvará de 1795, os vice-reis passaram a dispor desse poder até 1808, quando o mesmo foi estendido aos governadores e capitães-generais. A distribuição das terras beneficia a nobreza, os comerciantes influentes e principalmente os militares [...].

Fiz algumas modificações gráficas no texto original, nessa transcrição, para comentá-las a seguir, na tentativa de mostrar alguns interessantes recursos empregados pelo autor. Esse expediente tem o objetivo de procurar ressaltar o cuidado elaborativo, que tende a propiciar ao leitor ora sensação de *texto de época*, ora a subliminar eminência de que o poder arbitrário reveste seus escolhidos. Esse é um panorama que às vezes tende ao *histórico* e às vezes ao literário, o que produz sensação de fluidez à narrativa de Machado.

Os nomes dos títulos nobiliárquicos e atributos do poder, de que eram investidos os *escolhidos*, aparecem com iniciais maiúsculas. O impacto principal é devido ao fato de que carregam nalguns momentos sentido irônico, noutros, de escritura cartorial de época. O discurso cartorial aparece, por exemplo, no emprego do pronome indefinido *mesmo*, na expressão “o mesmo”, em “[...] quando o mesmo [...]”. Marca de oralidade ou cartorialidade – isso é dúbio (ou ambíguo, como convém ao texto literário) – aparece, por exemplo, na transferência do tempo pretérito dos verbos para algumas formas no presente. Em leitura detida, provoca essas sensações interpretativas, que procurei demonstrar.

O texto cresce à medida que se desenvolve. No intuito de não prolongar demasiadamente a apresentação do livro nesta resenha, corto aqui, mais ou menos ao acaso, como também foram escolhidos alguns trechos anteriormente transcritos, e passo a apresentar os momentos finais da narrativa de *O longo amanhecer do Sul*. Eis que chegamos aos nossos hodiernos problemas diários. Entre eles, estão contemplados o descuido, a incúria e a agressão à Mãe Terra dos ameríndios. No fragmento que se pode ler a seguir, procuro dar breve amostragem disso.

A terra sofre o envenenamento progressivo, e seus filhos são responsáveis por isso. O que sabiam os antigos habitantes de suas matas há milhares de anos, que qualquer agravo à mãe-terra também os atingiria, os filhos modernos desconhecem. [...] Seus mandatários desejam resultados que coloquem o país no primeiro mundo, ainda que a maior parte da população continue pobre, faminta e crédula. O banho contínuo das plantações com fertilizantes e biocidas poderosos extermina a microfauna, esterilizando a terra e fazendo com que esses produtos diluídos pela chuva escorram continuamente para seus córregos [...] ‘em Ronda Alta, município agrícola de 15 mil habitantes, nasceram oito bebês anencéfalos no verão de 1983-1984’ [...].

*O longo amanhecer do Sul* não pode ser reduzido ao que foi possível até aqui tentar expor. O livro se reveste de marcante corte diacrônico. Do passado ao presente, traça perfis, indaga, expõe momentos de preocupação, de desencanto, de análise interpretativa, de que se vê surgirem sinais de maus tempos, caso essa *história* continue com seus tentáculos ameaçadores. O exercício de imbricamento da ficção e da história, da prospecção e até certa ira (que, como a viu Rui Barbosa, pode

também ser “oportuna e necessária”) fazem desabrochar um pequeno livro singelo, num sentido, e obra qualificada, profundamente reflexiva, noutros.

Acredito que o livro aqui resenhado possa ser importante leitura para estudantes do ensino básico e do ensino superior. Vejo também que os professores de várias disciplinas nesses níveis de ensino podem ter na obra excelente auxiliar de partida para diversas atividades. O leitor descomprometido com tarefas mais restritas aos campos educativos também terá em *O longo amanhecer do Sul* interessante fonte de leitura, reflexão e conhecimento.

Cicero Galeno Lopes

Resenha original: *La Salle – revista de educação, ciência e cultura*, Unilasalle, Canoas/RS, v. 9, n. 1, jan.-jun. 2004, p. 102-106.